

*Água de Colonia*  
**Lavanda**

*Sabonete*  
**Lavanda**

o toque distinto na sua toilette

**2 magistrais  
criações**

de

**ACH. BRITO**

A MAIOR E MAIS COMPLETA FÁBRICA DE  
SABONETES E PERFUMARIAS DO PAÍS

## General Ribeiro Arthur MILITAR E ARTISTA

PAULO MORAIS ALEXANDRE

### INTRODUÇÃO

Bartolomeu Sezinando Ribeiro Arthur nasceu em Lisboa em 11 de Agosto de 1851, filho de um dos bravos do Mindello, que tomou parte, como oficial em todo o cerco do Porto (1) o General Sezinando Ribeiro Arthur e de D. Cândida de São José Lopes Ribeiro Arthur.

Casou-se aos vinte e três anos com D. Maria Dorothea da Fonseca Costa em 14 de Fevereiro de 1874, mulher culta, com colaboração poética e de investigação publicada em diversas revistas e jornais da época, de quem tem quatro filhos: Sezinando (nasc. 11 MAR 875), Maximino (nasc. 11 SET 885), Sarah (nasc. 13 SET 887) e Isabel (nasc. 8 ABR 891).

Ao longo da sua vida, a par da carreira militar, desempenha inúmeras actividades: artísticas, culturais e outras, nomeadamente a docência, leccionando Matemática no Liceu de Viana, o que «desempenhou a contento do chefe do estabelecimento», como é referido num relatório anual pelo general de Brigada Joaquim Henriques Barbosa.

**start**

SOC. TÉCNICA DE AUTOMÓVEIS REPARAÇÕES E TESTES, LDA.

ASSISTÊNCIA ELÉCTRICA NO AUTOMÓVEL



**VENDA, MONTAGEM E REPARAÇÃO**

**BOSCH**

ELECTRONICA E ELECTRICIDADE AUTO  
ALARMES AUTO, MOTOS - E BARCOS  
FAROIS - BUZINAS - ESCOVAS L/VIDROS - BATERIAS

**BLAUPUNKT**

AUTO RADIOS - COMPACT DISC  
AMPLIFICADORES - EQUALIZADORES  
ALTIFALANTES - ANTENAS

**VDO**

INSTRUMENTOS AUTO E PARA BARCOS

**TESTE ELECTRONICO DO MOTOR**

Rua 5, Substituição da Figueira, 27 1000 LISBOA Tel. 570569

Passa à reserva em 28 de Outubro de 1909 <sup>(2)</sup>, com a graduação de General de Brigada, por ter sido julgado incapaz por junta médica.

Sofrendo de arteriosclerose generalizada, muda-se de Viseu para Lisboa, onde reside à Estrada de Benfica, n.º 146, até à data da sua morte... mal extinto ainda pelas quebradas dos montes que se estendem para o norte de Lisboa, o retumbar dos canhões disparando no alto da Avenida...» no dia 5 de Outubro de 1910 <sup>(3)</sup>.

Analisaremos agora as diversas áreas em que se notabilizou Ribeiro Arthur:

Como Militar, como Investigador de História Militar, como Crítico de Arte, como Artista e como Uniformólogo.

## MILITAR

Assentou praça em 10 de Setembro de 1867 como voluntário no Regimento de Infantaria n.º 17 <sup>(4)</sup> em Beja.

Em 1870 é Furriel do Regimento de Infantaria n.º 10, Aspirante a Oficial, graduado em 1.º Sargento <sup>(5)</sup>, é graduado por decreto de 28 de Janeiro de 1873 em Alferes para o Regimento de Infantaria n.º 16, sendo confirmado nesse posto por decreto de 1 de Abril de 1874; entre 1875-1876 vamos encontrá-lo de novo a prestar serviço no Regimento de Infantaria n.º 17, sendo destacado para prestar serviço como ajudante da Praça de Peniche, de que era Governador o Coronel Rocha Gandra. É Tenente para o Regimento de Infantaria n.º 18, no Porto, por decreto de 23 de Janeiro de 1878. Faz uma comissão na arma de Artilharia, no Regimento n.º 2.

Entre 1882-1884 é professor do 1.º e 2.º ano do curso da classe de Sargentos.

É promovido a Capitão para o regimento n.º 5 de Caçadores de El-Rei por Decreto de 31 de Outubro de 1884 em Lisboa, sendo por ofício do Ministério da Guerra de 22 de Abril de 1885 nomeado para fazer parte da Comissão dos Limites do Reino. Nestas funções é no-

meado para coadjuvar o coronel espanhol D. Maximino Ramos y Orcajo, encarregado pelo governo espanhol de elaborar um projecto de divisão do terreno da chamada «Contenda de Moura». Trata-se de um território com 122 Km<sup>2</sup>, denominado Defesa ou Contenda de Moura, que era usufruído por Sevilha pelo lado de Espanha e por Moura pelo lado de Portugal. Em 1542 tinha-se celebrado a «Concordata de Moura» que permitia a fruição comum, mas em 1803 os governos português e espanhol nomeiam comissários para proceder à divisão da contenda, para sanar discórdias ocorridas entre os povos, não tendo havido nesta altura resolução alguma, por inflexibilidade das partes.

Em 1885 são nomeadas pelas partes comissões <sup>(6)</sup> tomando parte Ribeiro Arthur nos trabalhos, quer do gabinete quer de campo. Assim, faz as plantas da fronteira na escala de 1/100.000, com a designação dos respectivos marcos.

No campo procede à triangulação dos terrenos, com o comissário espanhol <sup>(7)</sup>, colaborando ainda com o general Sebastião Calheiros e Menezes na redacção da *Notícia sobre a Contenda de Moura*.

Em 1886 presta serviço no Estado-Maior da Infantaria e mais tarde por proposta do General Inspector Geral de Infantaria de 15 de Janeiro de 1894 passa a desempenhar as funções de ajudante de campo deste.

É Major em 1895 por decreto de 27 de Junho de 1895, prestando serviço neste posto nos regimentos de Infantaria n.ºs 20 e 25 e no Regimento n.º 2 de Caçadores da Rainha.

Tenente-Coronel em 10 de Maio de 1899 para o Batalhão de Caçadores n.º 10, em Elvas.

Em 23 de Novembro de 1901, já colocado no Regimento n.º 1 de Infantaria da Rainha, passa a ir uma vez por semana ao Museu de Artilharia para auxiliar o director no estabelecimento da secção histórica dos uniformes militares.

Colocado em 30 de Junho de 1902 no Regimento n.º 5 de Infantaria do Imperador d'Áustria Francisco José, será promovido a Coronel em 3 de Dezembro de 1903, para a Direcção dos Serviços de Infantaria.

Nomeado Comandante do Regimento de Infantaria n.º 9 (8), é transferido para o Regimento de Infantaria n.º 14 (9), em Viseu, do qual é Comandante até à sua passagem à reserva (10).

Louvado em 1902 pelo modo como se desempenhou da missão que lhe foi cometida de estudar e propor um plano geral de uniformes para as guarnições ultramarinas (11), do qual resultou o plano de Novembro de 1900, que regula os uniformes para oficiais e praças de pret europeias e indígenas (12), é condecorado ao longo da sua carreira com os mais altos galardões nacionais, nomeadamente é cavaleiro da Ordem Militar de Nosso Senhor Jesus Cristo (13), Cavaleiro (14), Oficial (15) e Grande Oficial da Real Ordem Militar de São Bento de Avis (16), Cavaleiro da antiga, nobilíssima e esclarecida Ordem de São Tiago (17), Cavaleiro da Ordem Militar de Nossa Senhora da Conceição de Vila Viçosa (18), Medalha Militar de Prata da Classe de Bom Comportamento (19), Medalha Militar de Prata de Classe de Bons Serviços (20), e internacionais como a Cruz de 1.ª e 2.ª classe do mérito militar de Espanha (21), Oficial de Instrução Pública de França (22), Sócio Cooperador condecorado com a medalha de prata da Cruz Vermelha de Espanha (23), Cavaleiro da Real e Distinta Ordem de Carlos III de Espanha (24) e Oficial da Legião de Honra de França (25).

#### INVESTIGADOR DE HISTÓRIA MILITAR E ESCRITOR

Ribeiro Arthur, que foi um homem que cedo compreendeu o valor do estudo da História Militar, interessando-se mais pela época contemporânea, deixou-nos um



OFICIAL DO CORPO DE ENGENHEIROS — 1806

enorme leque de estudos sobre o exército no século XIX, focando especialmente a época das Guerras Peninsulares.

Publicou, entre outros: *A legião portuguesa ao serviço de Napoleão* (1808-1813) <sup>(26)</sup>, *Episódios da Guerra Peninsular* (acção de Puebla de Sanabria, 10 de Agosto de 1810) <sup>(27)</sup>, *Os Caçadores Portugueses na Guerra Peninsular* (1808-1814) <sup>(28)</sup>, a par de dezenas de artigos publicados em periódicos, em que estuda os mais variados temas como o artigo «Throphéos de guerra» (Bandeiras e Estandartes) <sup>(29)</sup>, em que analisa as bandeiras existentes nos diversos museus.

Como homem do século XIX, é tocado pela «fé cientista» que a quase todos toca, interessa-se pelas ciências da natureza, pela física e pela astronomia, traduzindo diversas obras de Camilo Flammarion, como «Os cometas na História da Humanidade» <sup>(30)</sup>. «O Espaço Universal» <sup>(31)</sup>, «A Estrela do Pastor» <sup>(32)</sup>, «A Origem e o fim dos mundos» <sup>(33)</sup>, etc.. Escreve artigos sobre temas tão variados como «O Calor» <sup>(34)</sup>, «Noções de acústica» <sup>(35)</sup> e «Noções de óptica» <sup>(36)</sup>, analisa nos seus artigos invenções como o telefone de Bell, ou o fonógrafo de Edison, sobre quem chega a escrever uma biografia <sup>(37)</sup>: notáveis são ainda as suas monografias sobre «A cidade d'Elvas» <sup>(38)</sup>, ou sobre o «Arquipélago das Berlengas» <sup>(39)</sup>. No seu ecletismo «fin-de-siècle» escreve ainda artigos sobre «Música Militar» <sup>(40)</sup> ou sobre «O estudo da agricultura nas fileiras do exército» <sup>(41)</sup>.

Mas os mais notáveis artigos saídos da sua pena, e que encontramos espalhados por jornais e revistas tão diversos como: *Universo Ilustrado*, *Revista Militar*, *O Occidente*, *O Exército Português*, *Arte Portuguesa*, *Ilustração Portuguesa*, etc., são os que versam temas artísticos e de protecção de património.

## CRÍTICO DE ARTE

Dos artigos editados por Ribeiro Arthur referentes a acontecimentos artísticos importantes, bem como à problemática da conservação do património histórico, cultural e monumental, a parte mais importante e significativa, encontra-se reunida e publicada na obra *Arte e Artistas Contemporâneos* <sup>(42)</sup>, evidenciando-se nestes escritos de História e crítica de Arte, os dotes do autor, que tirando autênticos retratos da época, correctísimos na forma e no conceito, sem exageros, são actualmente fundamentais para o investigador da arte do século XIX. Tem no entanto algumas limitações, que devem ser referidas, dele diz José Augusto França: «...tem inegável bom senso... o bom senso dum admirador de Flamengos e Holandeses, de Jules Breton, Cabanel e de Bastien-Lepage, cujo ideal era a sublime verdade. Daí não passava Ribeiro Arthur para quem Rodin era um «grandioso louco», na «desordem» dum fim-de-século «exausto» que levava as artes ao «caos» mas a reunião dos seus artigos... constitui bem um roteiro completo da arte do tempo, com abundante documentação» <sup>(43)</sup>.

Fazendo parte da geração de críticos naturalistas, como lhes chama José-Augusto França <sup>(44)</sup>, onde se destacaram Ramalho Ortigão e Manuel Monteiro (Pin-sel), são de realçar os seus pontos de vista, sobre Património e sobre os diversos artistas da época, como Silva Porto, Casanova ou Rafael Bordallo Pinheiro.

Relativamente à política de protecção patrimonial, interroga-se sobre a qualidade do restauro «sofrido» pelos monumentos; entre outros, escreve sobre o Mosteiro de Santa Maria da Vitória (Batalha), chocando-o que se confiem os trabalhos de reparação do monumento a um condutor de obras públicas, contrapondo que mesmo «...um arquitecto teria de fazer um demorado estudo antes de poder tocar-lhe...», ideia que reforça quando nos diz

que «...nesses trabalhos, bandos de canteiros, artífices ignorantes, cujo ideal d'arte consiste em deixar as arestas vivas como navalhas de barba, mal avista uma pedra com manchas de salitre substituem-n'a por uma nova...» (45).

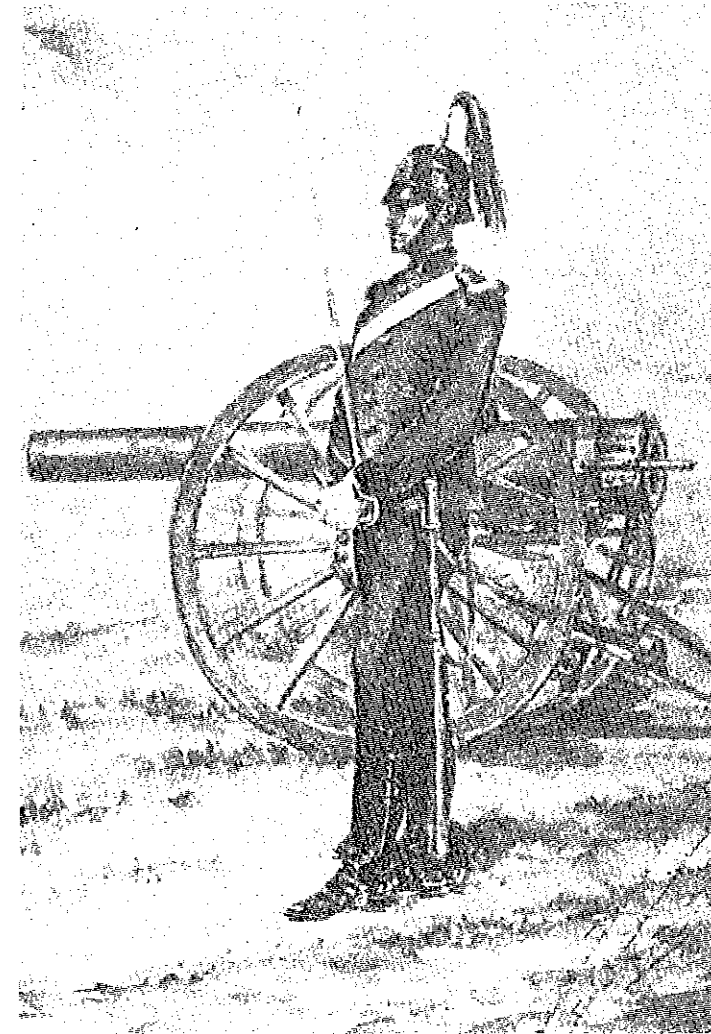
Mostra-nos um profundo conhecimento dos estudos de restauro de Viollet-le-Duc, cuja doutrina vai reproduzir nos seus estudos de História de Arte, «...um architecto deve conhecer as formas, os estylos, pertencentes a esse edificio e à escola d'onde elle saiu, deve ainda melhor, se possível fôr, conhecer a sua estrutura, a sua anatomia, o seu temperamento, porque, primeiro que tudo é necessário que o faça viver...» (46).

Perturba-o no entanto a aplicação cega das teorias de Viollet-le-Duc, deixando antever a crítica à obra deste architecto que mais tarde seria feita e daria lugar à Carta de Atenas, assim, não concorda com a limpeza sistemática de velhas cathedrais, no sentido de lhes dar uma pureza que o estilo original nunca teve; não concorda com a substituição da talha dos velhos altares de S. Vicente de Fora (47), com a retirada dos azulejos hispano-árabes de Santa Cruz de Coimbra (48), com o desaparecimento do lago forrado de azulejos da época Manuelina do Claustro da Igreja de Santa Maria de Belém (Jerónimos) (49).

A sua crítica chega a atingir o sarcasmo, nomeadamente quando refere o caso de «...um sacristão que trata os magníficos quadros da igreja de Santa Isabel em Estremoz, lustrando-os annualmente com toucinho. É original e perfeitamente alentejano...» (50).

Importante é a sua visão a dobra de Rafael Bordallo Pinheiro, vê nele, não somente um mero caricaturista, ou ceramista mas um dos grandes artistas do século, applicando-lhe a frase de Baudelaire: «...fut non seulement un des hommes plus importants de la caricature, mais encore de l'art moderne...» (51).

Pela sua pena, mostra-nos a sua análise da sociedade e da mentalidade portuguesa, que, segundo Ribeiro Arthur, é tão diversa de qualquer outra cultura, sendo



ARTILHEIRO CONDUTOR — Grande uniforme  
(Ordem do Exército N.º 25 — 1892)

impossível o aparecimento em Portugal de «...um génio apaixonado e dolorido que traduzisse pela pintura as queixas, as melancolias supremas de que as almas sofriam...»<sup>(52)</sup>, aparição exótica, bem afastada da nossa sociedade tão pacatamente burguesa, cuja concretização em pintura seria a obra de Malhoa.

### ARTISTA

Dedicando-se ao desenho desde tenra idade, aproveita as poucas horas deixadas pelas obrigações castrenses, e devaneia sobre o cartão, quer com lápias, quer com pincel, executando desenhos e aguarelas em que predominam tipos e uniformes militares, sujeitando a sua alma de artista ao rigor da transcrição histórica<sup>(53)</sup>, ou deixando-a vogar ao correr da imaginação, através de desenhos de uniformes que altera ao sabor da liberdade artística.

A linguagem plástica que prefere para exprimir o seu talento é a aguarela, que prefere pela sua ordem da composição, pela necessidade de correcção do desenho, pela harmonia das cores, pela beleza do conjunto, por ser límpida e feita sem erro à primeira vez<sup>(54)</sup>.

Como aguarelista, participa no grupo do Barracão da Cotovia, do qual Casanova (o professor do Rei D. Carlos) era mestre<sup>(55)</sup>, é sócio fundador do Grémio Artístico, no seio do qual participa em todas as exposições, com paisagens extremamente naturalistas, bem ao gosto da época, ou então com o seu motivo favorito, as cenas da vida militar. Expõe ainda nas exposições da Sociedade Nacional de Bellas Artes, e nos Salões da Sociedade de Belas Artes no Porto.

Algumas das suas obras foram expostas e muito «admiradas» na Exposição de Paris de 1900<sup>(56)</sup>; em 1908 e integrado na Secção Portuguesa de Belas Artes, apresenta aguarelas de uniformes, na Exposição Nacional do Rio de Janeiro<sup>(57)</sup>.



ARTILHEIRO CONDUTOR EM GRANDE UNIFORME — 1891  
(Inspirado na gravura anterior)

Uma outra faceta, na variedade e versatilidade da personalidade artística de Ribeiro Arthur é a de ele ter sido o primeiro desenhador português a fazer e a publicar histórias aos quadradinhos para crianças (<sup>55</sup>).

Se bem que desde 1883 o *Jornal da Infância* tivesse já publicado algumas Histórias aos Quadradinhos estrangeiras, e já em 1872 tivesse sido publicado por Rafael Bordallo Pinheiro o primeiro álbum de banda desenhada concebido em Portugal, de que há conhecimento — *Apontamentos sobre a picaresca viagem do Imperador de Rasilb pela Europa* (<sup>59</sup>) — só no número seis do *Jornal da Infância* surgem tiras de sequência narrativa em silhueta, da autoria de Ribeiro Arthur e dedicadas às crianças (<sup>60</sup>).

Estas silhuetas, a arte da representação por manchas ou sombras marcando os contornos que mostra as figuras vulgarmente de perfil (<sup>61</sup>), são mais tarde abandonadas, passando as vinhetas a ser mais descritivas (<sup>62</sup>).

Trata-se de uma inovação, só aparecendo em números posteriores a colaboração de outros artistas portugueses, como Rafael Bordallo Pinheiro, com sequências narrativas para crianças.

Entre outros autores e outras histórias Ribeiro Arthur ilustra as fábulas de La Fontaine: «A Raposa e a Cegonha» (<sup>63</sup>) e o «Burro e o Leão» (<sup>64</sup>).

## UNIFORMÓLOGO

Ribeiro Arthur desde novo se dedicou ao desenho e ao estudo dos uniformes, talvez por compreender a necessidade de existir uma ordenação que dê umnexo aos uniformes nacionais.

Assim e se existem algumas publicações sobre uniformes, o certo é que ainda hoje não existe publicado nenhum trabalho que estude as notáveis colecções existentes em arquivos tão diversos e vastos como a Torre do Tombo, Biblioteca Militar, Escola Superior de Belas Artes, Arquivo Histórico Colonial ou Arquivo Histórico Militar (<sup>65</sup>),



A TESTA DE COLUMNA DO BATALHÃO NAVAL, EM 1852  
Última aguarela de Ribeiro Arthur

até porque tal trabalho é moroso, e por não existir uma inventariação e estudo destes arquivos.

Ribeiro Arthur compreendeu o valor deste trabalho <sup>(66)</sup>, colaborando através de aturadas investigações históricas sobre os uniformes do nosso exército, com o director do Museu de Artilharia na recriação de Uniformes Históricos, com os uniformes que iriam ocupar a «Sala dos Marchais» no Museu de Artilharia, que são confeccionados a partir de indicações de Ribeiro Arthur.

Assim ele vai investigar os arquivos, fazendo levantamentos de todas as leis referentes a uniformes, que copia, forma em dossiers e anota; inventaria a iconografia e publica ao longo da sua vida vários estudos pontuais como «Os Caçadores de 1811» (Organização Beresford) <sup>(67)</sup>, «A Harmonia das cores nos apetrechos de guerra com relação aos uniformes (os bombos e os guiões dos corpos de caçadores)» <sup>(68)</sup>, «A legião portuguesa ao serviço da França (1808-1813)» <sup>(69)</sup>, ou «Os primeiros Caçadores (1808)» <sup>(70)</sup>, todos estes estudos integrados numa «História dos uniformes do exército português desde o princípio do século» que Ribeiro Arthur ansiava publicar; mas nunca chegou a encontrar os elementos suficientes necessários à consecução e publicação desta obra.

As aguarelas de figurinos militares vão despertar a sua atenção e nelas vai empregar toda a sua mestria. Foi um trabalho importante ao qual devotou todos os seus momentos de lazer e requereu da parte dele uma aturada investigação, estudando arquivos como o Arquivo Geral do Ministério da Guerra, no qual consultou até à exaustão os manuscritos referentes à divisão auxiliar à Espanha (1835), comandada pelo Conde das Antas, ou deslocando-se a Madrid para visitar alguns estabelecimentos militares, arquivos e museus, a fim de desenvolver estudos histórico-militares relativos a uniformes.

A partir destes estudos, concebeu e pintou algumas centenas de figurinos, que organizou em cinco álbuns de aguarelas, que contêm «figuras a aguarela representando

uniformes portugueses desde 1760...» <sup>(71)</sup>, do continente e, tropas coloniais, entre as quais as das antigas capitânias do Brasil, das Índias, da África, etc., analisando as várias transformações que os uniformes sofreram ao longo dos séculos.

O método sistemático e científico de trabalho de Ribeiro Arthur é, aliás, visível no rico espólio que legou ao Museu Militar, hoje infelizmente disperso por diversas caixas e que continua sem sofrer o necessário tratamento que a dignidade do espólio exige.

Este trabalho é de tal forma exaustivo que a cada aguarela corresponde um estudo que descreve pormenorizada-mente as diversas peças de fardamento, bem como armamento, relativas ao figurino; com a indicação da legislação que regula o figurino apresentado.

Estas aguarelas apresentam o militar retratado integrado na vida regimental, ou no exercício das suas funções; ajudando a compreender a razão da existência das diferentes peças de fardamento e a sua utilização no meio castrense.

## CONCLUSÃO

Ribeiro Arthur, com todos os defeitos e qualidades de uma personalidade eclética tão característica do século XIX, é positivista e acredita no poder da ciência para mudar o mundo, interessado por tudo o que é inventado ou descoberto, como o mostram os seus escritos, mas por outro lado trabalha para a «Memória», no sentido de preservar antigas tradições, foi como bem o descreveu Fialho de Almeida, no prefácio a *Arte e Artistas Contemporâneos*, «...uma curiosa organização de homem moderno aliando a inteligência ao método, e chegando por voluntariosas tentativas aos resultados de uma multiplicidade de aptidões. Como oficial do exército escolhem-no para missões

de confiança; os seus quadradinhos recortam na silhueta do militar o que quer que seja de um rosicler de artista que sente a cor e caça o pitoresco... colega íntimo de quase todos os pintores que retrata e homem de coração fidalgo, antes de artista, ... a obra de Ribeiro Arthur é quase um roteiro completo da pintura portuguesa». (71)

## NOTAS

(1) Cf. ARTHUR, B. S. Ribeiro, «Carta ao General Director do Museu de Artilharia, 1902, Dezembro, 19. (Arquivo Histórico-Militar, 3.ª divisão, 26.ª secção, caixa 9, n.º 7).

(2) Ordem do Exército, n.º 25, de 1909 (2.ª série).

(3) Cf. *O Occidente*, 1910, pág. 263.

(4) DINIZ, Major José M., «Os Uniformes Militares Portugueses nas aguarelas do Coronel Ribeiro Arthur» in *Jornal do Exército*, 1987, Setembro, n.º 333, pág. 2.

(5) Ordem do Exército, n.º 62, de 1870 (2.ª série).

(6) *Notícia sobre a Contenda de Moura* [alguns documentos, conclusões], Lisboa, Imprensa Nacional, 1889, pág. 90.

(7) Ordem do Exército, n.º 2, de 1904 (2.ª série).

(8) Idem, n.º 17, de 1904 (2.ª série).

(9) Idem, n.º 25, de 1909 (2.ª série).

(10) Idem, n.º 12, de 1912.

(11) «Plano de Uniformes para as Forças Ultramarinas», in *Boletim Militar do Ultramar*, 1900, Novembro, n.º 11.

(12) Ordem do Exército, n.º 2, de 1890 (2.ª série).

(13) Idem, n.º 13, de 1893.

(14) Decreto de 1 de Julho de 1896.

(15) Ordem do Exército, n.º 1, de 1910 (2.ª série).

(16) Idem, n.º 24, de 1896 (2.ª série).

(17) Idem, n.º 15, de 1892.

(18) Idem, n.º 15, de 1902 (2.ª série).

(19) Idem, n.º 14 de 1896 (2.ª série) e cf. Memórias Biográficas dos Generais e Chefes, no Centenário da Guerra Peninsular, Viseu, Tipografia da Folha, 1909, pág. XV.

(20) Idem, n.º 5, de 1899 (2.ª série).

(21) Idem, n.º 10, de 1900 (2.ª série).

(22) Idem, n.º 13, de 1902 (2.ª série).

(23) Idem, n.º 7, de 1902 (2.ª série).

(24) Editado em Lisboa, Livraria Férias, 1901.

(25) Editado em Lisboa, Tipografia Universal, 1903.

(26) Editado em Lisboa, Companhia Nacional Editora, s. data.

(27) Artigos publicados in *O Exército Português*, 1894, Março-Agosto, n.ºs 381-386.

(28) In *Universo Ilustrado*, 1892, pág. 286.

(29) Idem, 1879, pág. 369.

(30) Idem, 1879, pág. 172.

(31) Idem, 1879, pág. 89.

(32) Idem, 1878, pág. 275.

(33) Idem, 1878, pág. 58.

(34) Idem, 1878, pág. 63.

(35) Idem, 1878, pág. 345.

(36) Idem, 1878, pág. 370.

(37) Idem, 1877, pág. 33.

(38) In *Revista Militar*, 1905, Junho, n.º 6.

(39) Idem, 1905, Março, n.º 5.

(40) Publicados em Lisboa, Imprensa Nacional, 1896-1903.

(41) FRANÇA, José-Augusto, *A Arte em Portugal no século XIX*, Lisboa, Bertrand, 1966, vol. II, p. 106.

(42) Idem, pág. 93.

(43) ARTHUR, B. S. Ribeiro, *Arte e Artistas Contemporâneos*, Lisboa, Imprensa Nacional, 1898, 2.ª série, pág. 136.

(44) Idem, pág. 148.

(45) Idem, pág. 137.

(46) Idem, pág. 138.

(47) Idem, pág. 139.

(48) Idem, pág. 143.

(49) Idem, pág. 117.

(50) FRANÇA, op. cit., p. 203.

(51) Cf. *O Occidente*, 1903, pág. 203.

(52) ARTHUR, B. S. Ribeiro, *Arte e Artistas...*, 1.ª série, p. 54.

(53) Cf. *Jornal do Exército*, 1972, Abril, n.º 148, s. pág.

(54) Idem, 1972, Abril, n.º 148, s. pág.

(55) Cf. *O Occidente*, 1908, pág. 147.

(56) Cf. «Introdução à figuração narrativa» (Os Clássicos da B. D.), in *A Capital*, 1982, Março, 4, pág. ???

(57) Editado em Lisboa, s. tip., 1872.

(58) «Introdução à figuração narrativa...», pág. ???

(59) SILVA, Maria Madalena de Cagigal e, *Catálogo da exposição de silhuetas da Baronesa Eveline von Maydell*, Lisboa, s. editora, 1971.

(60) «Introdução à figuração narrativa...», pág. ???

(61) In *Jornal da Infância*, 1883, pág. 175 e seguintes.

(62) Idem, 1883, pág. 60 e seguintes.

REVISTA MILITAR

---

(<sup>65</sup>) DIAS, António, «O Comandante da Infantaria 14», in *Política Nova*, 1950, Janeiro, 28, pág. 8.

(<sup>66</sup>) Idem, pág. 8.

(<sup>67</sup>) In *Revista Militar*, 1899, Fevereiro-Março, n.ºs 3 a 5.

(<sup>68</sup>) Idem, 1900, Dezembro, n.º 24.

(<sup>69</sup>) Idem, 1898, Janeiro-Abril, n.º 2-7.

(<sup>70</sup>) Idem, 1896, Agosto n.º 16.

(<sup>71</sup>) ALMEIDA, Filho de, «Prefácio» in *Arte e Artistas...*, 1.ª série, pág. V.